

RESENHA

ANTUNES, Ricardo. *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p.

Responsável pela resenha
Silvana de Santi Vieira¹

A dinâmica da obra “Privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital”, vem abordar um tema emergente, ou seja, reconhecer como se configura o proletariado brasileiro. Antunes (2018), busca entender como a classe trabalhadora no país tem se ajustado nos últimos anos, onde é necessário compreender se o proletariado tem se voltado para a classe média, para a indústria, ou se há uma nova configuração.

O autor da obra resenhada, Ricardo Antunes, é professor titular de sociologia do trabalho no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). É também autor da obra “Os sentidos do trabalho e Adeus ao trabalho?” e organizador de “Riqueza e miséria do trabalho no Brasil”. Coordenou as coleções “Mundo do Trabalho” e “Trabalho e emancipação”, assim como colabora em revistas acadêmicas brasileiras e do exterior.

A obra “Privilégio da servidão” é dividida em quatro seções que se articulam em uma abordagem sobre a era digital e seus efeitos na vida humana, mas principalmente, no trabalho. A estrutura, portanto, é formada por quatro partes, das quais três são compostas por seis pontos de análise e a última parte, com apenas dois subtemas de análise.

Antunes (2018) faz referência do novo proletariado no campo da era do trabalho digital. Esta, para o autor, na sua forma mais ampla, tem se tornado o ponto ápice do “Privilégio da servidão”, mostrada em uma vertente social, ao mesmo tempo legal (Constituição de 1988, Consolidação das Leis Trabalhistas, sindicatos), mas que também demonstra como o ser humano é associado ao trabalho e à era digital.

A ideia de produzir a obra “O privilégio da Servidão”, segundo Antunes surgiu de duas indagações. A primeira, procura responder à questão: “Quem é o novo proletariado de serviços?”, enquanto a segunda: “Qual é a configuração essencial do proletariado?” Onde Antunes (2018) procura destacar de um lado a devastação do trabalho no Brasil (como por exemplo, os reflexos da reforma trabalhista) e, de outro, a da crise política, ou seja, o que causou esta, destacados nas partes II e III. Diante de um quadro, que o autor considera

¹ Pós-graduanda em Biblioteconomia na FAVENI-FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. E-mail: sildesantiv@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5315097237103905>.

devastador o cenário trabalhista e, por isso, parte IV ele utiliza a expressão luz além do túnel, para especificar que ainda pode haver alguma esperança. Neste aspecto, aborda que mesmo havendo uma visão pessimista quanto ao trabalho no Brasil, sugere que a história muda e é imprevisível, podendo ainda haver reversões que resultem em uma realidade melhor. Assim, leva ao leitor ao discernimento que a história é um fenômeno que se modifica, que passa por uma metamorfose constante, por isso pode haver sim uma luz no final do túnel.

No entanto, o desejo de Antunes (2018) em escrever sua obra iniciou-se após a leitura do livro “O primeiro homem” do escritor francês Albert Camus (1913-1960), que foi um filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta franco-argeliano. Na leitura, Antunes (2018) deparar-se com um fragmento que lhe faz repensar sobre o trabalho na atual conjuntura moderna brasileira, e o destaca na sua obra o excerto:

[...] que na vida cotidiana eram sempre os homens mais tolerantes do mundo, fossem sempre xenófobos em questões de trabalho, acusando sucessivamente italianos, espanhóis, judeus, árabes e finalmente a terra inteira de roubarem-lhes trabalho - atitude certamente desconcertante para os intelectuais que fazem as teorias do proletariado, porém bastante humana e perdoável. Não era o domínio do mundo ou os privilégios do dinheiro e do lazer que aqueles nacionalistas inesperados disputavam com as outras nacionalidades, mas o privilégio da servidão. O trabalho (...) não era uma virtude, mas uma necessidade que, para permitir viver, levava à morte (CAMUS, 2011, p. 227/228 apud ANTUNES, 2018).

De fato, o fragmento traz o ponto em que Camus faz a relação do mundo do trabalho, mais praticamente do domínio do mundo, dos privilégios do dinheiro, do lazer, indicando que o ser humano vivencia o “privilégio da servidão”. Certamente, que Antunes foi tocado a escrever sobre esse universo (trabalho), mostrando a realidade atual, onde praticamente a “obrigação” para o trabalho movido por interesses capitalistas, vem realmente tornando o ser humano como um servo.

Na própria capa da obra, criada por Antonio Kehl em cima do grafite Reload, do artista francês Levalet, pode-se observar a ideia de “servidão”, cuja imagem é de uma pessoa (subentendido como um trabalhador) ligada a um tubo de oxigênio. Fato que pressupõem viver como um escravo daquele aparelho, ou seja, ele sendo “benefício” para a sua existência. Nesta relação, pode-se observar que as pessoas devem ter no trabalho o privilégio de serem servas do trabalho, “se tiverem sorte”. Fato que Antunes (2018) deixa claro ao enfatizar em sua obra que a partir do momento que as pessoas não têm o privilégio de serem servos, configura-se uma tragédia social, ou seja, o flagelo do desemprego completo.

Considerando a introdução da obra, pode-se observar que ela se trata de uma resposta ao conjunto de mudanças que vem ocorrendo no mundo do trabalho (últimos 40 anos). Período que houveram mudanças de propostas trabalhistas afetando o universo do trabalho,

inclusive do capitalismo. Neste aspecto, a obra mostra que o mundo/sociedade atual tem um modo de trabalho resultante de diversas transformações sociais, políticas e econômicas. As quais o autor vai analisa e expõe a sua preocupação com a sociedade capitalista brasileira.

Na primeira parte, observa-se uma referência ao universo do trabalho dos países ocidentais e orientais, destacando a ocorrência de diversas mudanças. No entanto, faz uma maior reflexão para os orientais, Japão e China, mostrando que estes transformaram a forma do capitalista como a temos hoje. A China, por exemplo, tomou uma proporção muito grande no meio da oferta de mercadorias, diversificando não só o mundo do trabalho, mas sendo destaque nestes, pois não há quase nenhum produto que não esteja de alguma forma ligada a produção *made in China*. Também, há uma relação evidente da importância dos Estados Unidos da América, neste contexto, onde Antunes (2018) colocando-o como modelo central no contexto trabalhista mundial, ao lado dos países da Europa e do Japão. Ao mesmo tempo, não deixando de destacar o papel da China, que se tornou produtora de mercadorias ao modo capitalista, fazendo inclusive, uma relação desta China como detentora de uma diversidade muito grande de produtos (comércio internacional), comandando o mercado. Destacando, um país que abandona o socialismo para ingressar no capitalismo, onde de forma avassaladora, vai conquistando o mundo dos negócios.

Enfim, também se percebe um olhar para a Índia, a África e toda a América Latina, ao que se refere às formas de trabalho e a dominação destes, pois há uma classe trabalhadora que vive uma desconstrução do trabalho, que segundo Antunes, seria a flexibilidade ao trabalho, já iniciada no modelo *toyotista*, onde as empresas passam a ter maior flexibilidade para produzir, para contratar, para enfim, lidar com as condições trabalhistas. Há, também, uma colocação muito evidente de Antunes, quanto ao surgimento do advento da tecnologia, da era digital que aos poucos foi tomado conta do mundo todo.

Enfim, a obra direciona atenção à falta de trabalho, mais propriamente, no desemprego que vai se intensificando no Brasil, não só por questões econômicas e crises, por exemplo, mas também, da maneira com que o mundo vem crescendo tecnologicamente, resultando na substituição, em muitos setores, da força humana pelas máquinas.

Seguindo a estrutura da obra de Antunes (2018), na Parte I, O Advento da Era Digital, entre a corrosão e os escombros: o advento do proletariado da era digital, o autor desenvolve uma reflexão clara sobre a classe trabalhadora atual. Neste momento Antunes analisa o processo de precarização do trabalho nas últimas décadas. Corrosão do trabalho se observa pela era da digitalização (século do mundo digitalizado), ampliando-se a teoria do valor, privatizando os serviços, expansão da economia digitalizada (celulares, computador,

entre outros), enfim, observa-se que a classe trabalhadora tem vivenciado a devastação de direitos, gerando trabalhos intermitentes, terceirizados, etc.

O que se observa é que os próprios sindicatos não estão conseguindo lidar com ações trabalhistas como a terceirização, por exemplo. Isso acaba afunilando suas ações, dando menores condições de lutar por direitos, de fazer cumprir deveres, impedindo-os de dar maior representatividade a classe trabalhadora. Além disso, o Brasil tem um modelo flexível de leis, como a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que ao mesmo tempo que amplia a diversidade trabalhista, ela mesmo acaba afunilando o entendimento sobre os direitos da classe trabalhadora.

Na Parte II, A devastação do trabalho chega ao Brasil (precarização, terceirização e crise do sindicalismo), pode-se destacar o trecho da obra:

O capitalismo contemporâneo vem trazendo profundas alterações na composição da classe trabalhadora em escala global. Ao mesmo tempo em que o proletariado industrial se reduz em várias partes do mundo, particularmente nos países de capitalismo avançado, em decorrência há uma significativa expansão de novos contingentes de trabalhadores e trabalhadoras nos setores de serviços, bem como na agroindústria e na indústria, especialmente em países no Sul do mundo: Índia, China (e várias outras nações asiáticas), Brasil, México, dentre tantos exemplos que poderiam ser mencionados. (ANTUNES, 2018, p.118).

De modo geral, nesta parte da obra Antunes (2018) procura mostrar como se desenvolve a associação protetora do trabalho no Brasil e como ela é devastada, especialmente, no período recente, como por exemplo, no período do Governo Collor (durou dois anos, devido ao *Impeachment*), mas seguiu-se o período do Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) onde se pode perceber uma análise entre a racionalidade econômica e neoliberalismo, intentando um processo para acabar com a CLT, mas sem sucesso. Em seguida, há referência do autor aos governos do PT, de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e o primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2016). Período o qual o autor chama de emblemático, por suas diversas conquistas ao segmento trabalhista no Brasil, mas também, contraditório, pelos reveses existentes, que culminaram em avanços e recuos, mas sem modificar a política econômica neoliberal (superávit primário, de remuneração dos bancos dos capitais). Momento da história do Brasil, o qual houve uma incorporação de mais de 20 milhões de trabalhadores no ambiente de trabalho, resultando em um crescimento econômico alto, contradizendo a tendência da era anterior de Fernando Henrique. Enfim, nesta parte busca-se mostrar avanços e retrocessos vividos no ambiente de trabalho no Brasil.

Na Parte III, A era das conciliações, das rebeliões e das contrarrevoluções, pode-se destacar que, nas palavras de Antunes (2018, p.227) o “O Brasil teve um papel de relevo nas lutas políticas e sociais na década de 1980, conseguindo retardar a implantação do

neoliberalismo que já se expandia por vários países da América Latina, como no Chile, na Argentina, no México, entre outros”. Uma realidade que coloca o governo brasileiro, como um instrumento legítimo de conquistas trabalhistas, em um cenário que ainda precisa passar por muitas transformações.

Observa-se justamente neste momento da obra, no entanto, o processo de crescimento que começa em 2002 no Governo Lula, mas que termina em 2016 no governo Dilma Rousseff, com sua deposição do poder. Antunes (2018) busca mostrar o processo complexo que levou ao início, apogeu e crise desses governos, configurando maior atenção ao processo trabalhista brasileiro, principalmente, ao crescimento trabalhista e ao mesmo tempo, a decadência do trabalho, resultado da crise econômica que se mobiliza no país a partir de 2014, resultando no aumento do desemprego no país.

Nesta parte Antunes (2018) mostra a realidade brasileira de 2008 a 2018, destaca momentos de intensa crise econômica, aponta críticas ao processo eleitoral brasileiro, ao considera-lo como um processo difícil de ser estruturado. Sendo possível reconhecer que há uma crise no trabalho onde se observa milhões de desempregados, trabalhadores informais, enfim, uma verdadeira devastação do trabalho, que é vista em uma esfera global.

Vive-se uma época de intensificação e exploração do trabalho. De um lado, o capitalismo que exige dos indivíduos maior esforço no trabalho, ao passo que não mais valoriza-se a mão-de-obra, diante das influências da era digital, onde as pessoas são substituídas. Desta forma, aqueles que têm o “privilegio” de trabalhar acabam sendo explorados, pois intrínseca a esta realidade a questão do desemprego que cresce a cada dia.

Na parte IV, há alguma luz no fim do túnel, Antunes (2018) procura mostrar muitos instrumentos que a classe trabalhadora ainda possui, que são sindicatos, movimentos sociais e partidos de esquerda. Mas o imperativo do século XXI é recuperar a ideia do socialismo, ideia que encontra em Marx seu grande formulador, nos levando a pensar no que o capitalismo é no momento atual.

Antunes (2018, p. 291) destaca que em “em nosso curioso país, muitas conquistas acabam tendo vida efêmera, enquanto outras tantas desconstruções acabam tendo vida longa”. Pode-se entender aqui uma referência ao pouco tempo que duraram as conquistas trabalhistas, principalmente, advindas dos governos petistas. Por outro lado, destaca a vida longa que dura e poderá ainda durar a devastação trabalhista, resultante não só da crise que tirou o PT do poder, com impeachment de Dilma, mas com os extremos do capitalismo vivido no país.

Antunes (2018) faz uma relação entre capitalismo e a sociedade atual. Neste paralelo destaca o primeiro como o motivo da elevação do desemprego, entre outras consequências sociais, o aumento da destruição ambiental, guerras mundiais, opressão das mulheres e o

racismo. Mas coloca ser necessário, resgatar o socialismo, ou seja, realizar um projeto de emancipação humana e social. A servidão não é o fim da emancipação, mas uma condição para nos provocar à mudança, objetivando uma sociedade mais humana.

O desafio para Antunes (2018) é que o país enfrente as dificuldades culturais, políticas e estruturais do país, principalmente, as cujas raízes provêm do capitalismo, sendo esta ação um fato decisivo para que o Brasil tenha realmente uma luz no final do túnel. Não se pode imaginar que o país possa continuar na “era das trevas”, ou seja, sem conseguir enxergar a “violência” que a era capitalista, principalmente, em pontos de extrema preocupação, como desemprego, desigualdade social entre outras questões sociais. É preciso mudar, é preciso lutar é preciso que o mundo se rebele.

Neste último capítulo, “A luz no final do túnel”, subentende-se um questionamento “Há luz no final do túnel?”, onde Antunes leva o leitor a pensar, principalmente, quando termina-o com as palavras: “ Se o mundo nos oferece como horizonte imediato o privilégio da servidão, seu combate e seu impedimento efetivos, então, só serão possíveis se a humanidade conseguir recuperar o desafio da emancipação.” (ANTUNES, 2018, p.306).

Realmente, desafia o leitor a questionar a ideia de “emancipação”, ou seja, de libertação, mas também de realizar um retrospecto crítico analítico sobre a servidão, induzindo o leitor a crer que a servidão não pode ser e não é o fim da emancipação.

Ao analisar primeiramente, o título da obra, “Privilégio da Servidão” pode-se criar no leitor uma expectativa de que Antunes (2018) iria realizar no decorrer da obra um debate sobre alguma forma de servidão. Até mesmo, observam-se as relações de trabalho existentes na Europa, Estados Unidos, Japão, China, potencias quando o foco é trabalho., No decorrer da leitura é possível observar a preocupação em compreender melhor os caminhos que a classe trabalhadora tomou ao longo dos anos no Brasil, mas realizando uma redobrada atenção no universo capitalista e consumista que muitas vezes, coloca o indivíduo como um escravo do trabalho.

Diversos momentos da obra, principalmente na primeira parte, observa-se uma forte referência ao capitalismo do autor ao trabalho no Brasil e no mundo ao longo dos últimos 20 anos. Para isso, percebe-se uma mistura de história política, com história trabalhista que ao longo da obra, não só é relatada no Brasil, mas no mundo.

A referência ao Governo Lula, como um dos mais “felizes momentos” da história do trabalho no Brasil, onde há destaque para o crescimento da oferta de trabalho, pode, em uma primeira leitura da obra, levar o leitor “anti-Lula” a ficar indignado, pelas colocações do autor. No entanto, após sucessivas leituras é possível ampliar a visão para um processo histórico, no qual é possível observar que um governo pode e acaba influenciando o trabalho em um país, pois se há investimento, se há um trabalho sério em defesa da classe operária,

enfim, se políticas públicas são desenvolvidas para a redução do desemprego, certamente, este governo estará contribuindo para uma sociedade melhor.

Certamente, não é analisar prós e contras de governos, mas a sistemática, o que o envolve e os resultados dos trabalhos realizados, dos projetos estruturados. Não se trata de colocar o “PT” como o partido que mais fez pelo trabalho, afinal é parte do ideal do partido, pois se trata do “Partido dos Trabalhadores”. Sendo assim, é importante destacar, que as reflexões de Antunes (2018) acendem um alerta para cada parte da obra sobre o capitalismo e sua influência na sociedade, com resultados no trabalho, principalmente, com as transformações do proletariado.

Recebido em: 10 de outubro de 2019

Aceito em: 20 de janeiro de 2020
